



Sony Pictures **aposta na animação** 'Um Cabra Bom de Bola', que **chega ao Brasil** com **dublagem feita por elenco nordestino**. Produção é de **Stephen Curry, o astro da NBA**. Continua na página seguinte

PEDRO SOBREIRO

Vivendo fase gloriosa nos cinemas, a Sony Pictures Animation lança nesta quinta-feira (12) sua nova aventura animada.

Produzida pelo craque da NBA, Stephen Curry, “Um Cabra Bom de Bola” chega ao Brasil com uma dublagem arretada protagonizada por um elenco nordestino que faz questão de manter seu sotaque. Na trama, Zeca Brito é um bode sonhador que recebe uma chance de ouro de jogar profissionalmente o “Berrobol”, o basquete do mundo dos bichos. Agora, ele precisará se adaptar ao time para não ser engolido pelos adversários. Em conversa com o Correio da Manhã, o dublador Rafael Sadovski falou um pouco mais sobre dar vida e esse protagonista tão diferente dos padrões animados.

Até onde você iria para realizar um sonho? É dessa premissa que surge a história de “Um Cabra Bom De Bola”, novo filme da Sony Animation Pictures que chega aos cinemas brasileiros nesta quinta-feira (12). Com produção de Stephen Curry, o craque do Golden State Warriors, da NBA, o filme é carregado de referências ao basquetebol americano, mas ganhou um charme a mais na versão nacional ao incorporar o sotaque nordestino a sua dublagem.

A situação começou com um trocadilho da tradução do título. No original, o filme se chama “Goat”, um acrônimo para a expressão “Greatest Of All Time”, algo como “O Melhor de Todos”, usado para se referir aos craques geracionais do esporte. Mas a palavra também significa “Bode” em inglês. Daí, para ajustar o termo ao vocabulário nacional - já que ninguém assistiria uma animação chamada “Bode” -, a equipe adotou a expressão nordestina “Cabra”, rendendo mais uma série de trocadilhos no filme, como o nome do protagonista, por exemplo, que mudou de Will para Zeca Brito. Diante das traduções e do cenário atual do cinema brasileiro estar sendo representado nos principais palcos do mundo com “O Agente Secreto” e a ode ao legado cultural pernambucano, foi escolhido um dublador nordestino para dar vida ao Zeca na versão brasileira.

Nascido em Mossoró, Rafael Sadovski conversou com o Correio da Manhã na pré-estreia do filme, realizada no Rio no último domingo (8). Para ele, a oportunidade de dublar um filme sem precisar mascarar seu sotaque é algo incrível.

“O filme tem essa questão da representatividade, que acontece através do sotaque nordestino, né? Porque eu sou de Mossoró, do Rio Grande do Norte. Então, além de estar sendo a minha primeira oportunidade de mostrar meu trabalho dando voz a um protagonista, trazer esse meu lado, essas minhas raízes do Nordeste, é muito legal. É um presente, cara. É um desafio, mas é



Rafael Sadovski dá voz a Zeca Brito, um bode que ganha a chance de jogar no mesmo time que sua referência no esporte, a pantera Jaque Fonseca

O esporte americano com ‘tempero’ brasileiro



Cenários são um espetáculo à parte, e imprimem muita personalidade ao filme

muito gostoso”, disse.

Por conta do histórico da dublagem no país, que nasceu como herança das radionovelas, conveniou-se o sotaque do Sudeste nas principais versões nacionais de longas estrangeiros. Com o passar do tempo e a presença dos maiores estúdios nas capitais, foram os sotaques de Rio e São Paulo que assumiram as rédeas da dublagem no país. Então, ter um protagonista com sotaque de Mossoró é algo muito novo. Segundo Sadovski, é um motivo de orgulho.

“Cara, quando saiu o primeiro trailer, que veio aquela repercussão

dos sotaques, a minha família toda ficou muito feliz, sabe? Porque quem mora aqui no Rio são meus pais e eu, mas o restante da família, avó, tio, tia, primo, estão todos no Nordeste, todos de Mossoró, Natal. Então, eles ficaram doidos quando ouviram. Eu também fiquei, né? Então, acho que é algo que vai mexer muito com a identificação na criançada, que vai poder se ouvir no cinema, muitas delas pela primeira vez”, comentou Rafael.

Além do protagonista, há mais dois dubladores nordestinos que integram o hall de personagens.

“O filme é muito divertido,

muito colorido e essa regionalização deixa a coisa mais colorida, ainda mais divertida para todo mundo, né? E a gente adaptou também as gírias. Eu propus muitas coisas. A Andréa [Murucci], nossa diretora de dublagem, também propôs muitas coisas. Foi um trabalho de troca muito legal. E além de mim, tem a Gilza [Melo], que faz a ‘mainha’ do Zeca, também a nordestina. O Enzo [Gabriel], que faz o Zequinha pequenininho, também é nordestino. Então, cara, é um filme recheado de emoções”, concluiu o dublador, que incentivou a molecada a ver o filme no cinema.

Homenagem

Por ser um filme inspirado nas vivências de Curry, um jogador que revolucionou a forma como o basquete é jogado no mundo, a versão nacional não poderia deixar de homenagear o esporte que também é muito popular no Brasil.

Por conta disso, Hortência, a Rainha do Basquete, foi convidada para integrar o elenco do filme, fazendo uma participação especial como a Ursa Polar Propp. É uma aparição bem curtinha, mas serve como uma bela homenagem.

Além dela, o apresentador Fred Bruno, fanático por basquete, também dá voz a um personagem. Brincando com seu trabalho de apresentador do Globo Esporte de São Paulo, Fred viv o morcego Tico, um dos narradores de Berrobol. Ao seu lado está Joca, um comentarista vivido por Jukanalha, influenciador digital do mundo esportivo.

E o filme?

Assistimos o filme em primeira mão e ele traz a excelência estética que a Sony imprimiu nas animações mundiais nesta década. Se a trama é simples, feita para entreter e inspirar a molecadinha a não deixar de sonhar, o trabalho artístico de cenários é bastante complexo, coisa de gente grande.

Trabalhando com uma paleta de cores composta por verde, roxo e azul, cada cenário, cada arena e cada ambiente que compõe as cenas são de cair o queixo. Ao idealizar um mundo de animais antropomórficos, a equipe criativa conseguiu adaptar as moradias e construções humanas para esse ambiente, criando um filme de muita personalidade estética. A trilha musical é outro show à parte, mesclando hits antigos com músicas compostas para o filme, usando e abusando do Hip-Hop e R&B.

É um longa que foi feito para as crianças, mas que certamente conseguirá fugar os adultos, principalmente os apaixonados por animações.



Wim Wenders na Berlinale, onde ganhou um prêmio honorário em 2015, onde pilotou papos com estudantes em 2020 e onde assume a presidência do júri, a partir desta quinta

Nas asas de Wim Wenders

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Todas as vezes em que os maiores festivais do mundo confiaram o comando de seus júris ao alemão Wim Wenders, ele polemizou com a classe artística. Em 1989, quando presidiu o time de juradas e jurados de Cannes, o realizador de “Tokyo-Ga” (1985) e “Alice nas Cidades” (1974) atraiu para si o ódio (hoje superado) de Spike Lee. Consagrado por seu combate antirracista, o diretor americano tinha a certeza de que foi o colega germânico que negou prêmios a seu “Faça a Coisa Certa”, na corrida pela Palma de Ouro, por discordar de sua estética combativa.

Em 2008, ao ser escalado pelo Festival de Veneza para escolher quem ganharia o Leão de Ouro daquele ano, Wenders não teve dúvida alguma ao dar o felino a “The Wrestler – O Lutador”, de Darren Aronofsky. Na justificativa, só incluiu um adendo: destacou que o prêmio era fruto não apenas das destrezas de seu diretor, mas do desempenho colossal de seu protagonista, Mickey Rourke. À época, o ator era odiado por seu comportamento truculento e por faltar as diárias de filmagem. Espera-se um gesto de coragem semelhante de WW no trabalho que ele

inicia em sua Alemanha natal, a partir de quinta-feira, ao avaliar que filmes deverão levar os Ursos de Prata de 2026 - e quem ganha o Urso de Ouro.

Além de Wenders, a comissão julgadora da Berlinale conta com a atriz sul-coreana Bae Doona; o cineasta nepalês Min Bahadur Bham; o também cineasta e arquivista indiano Shivendra Singh Dungarpur; a realizadora japonesa Hikari; o realizador americano Reinaldo Marcus Green e a produtora polonesa Ewa Puszczyska. Este ano, entre as 22 vozes autorais em competição, o cearense Karim Ainouz concorre em Berlim com uma produção estrangeira: “Rosebush Pruning”, com Pamela Anderson, Tracy Letts, Callum Turner, Riley Keough, Jamie Bell e Elle Fanning. Beth de Araújo, americana de São Francisco, filha de um brasileiro (de quem herdou nacionalidade), vai brigar por troféus com “Josephine”, no qual uma menina de oito anos (Mason Reeves) fica mexida internamente após testemunhar um crime no Golden Gate Park. A produção venceu o Festival de Sundance, em janeiro.

Visto na Berlinale de 2024 no papel de mestre de cerimônia de uma homenagem a seu amigo Martin Scorsese, Wenders quebrou um galhão para o Brasil no ano passado, logo após o evento chegar ao fim: apresentou a sessão de estreia de



Chegado a polêmicas, o diretor de ‘Paris, Texas’ assume, aos 80 anos, a presidência do júri do Festival de Berlim, voltando a um posto em que, no passado, valeu a ele desafetos e debates

“Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, em terras alemãs. Na sequência, foi fazer seus coros. Aos 80 anos, WW emenda um curta-metragem autoral atrás do outro, sendo que “The Keys to Freedom”, recém-finalizado, é o trabalho mais recente de uma carreira consagrada com a Pal-

ma de Ouro, em 1984, por “Paris, Texas”. Em meio ao 80º aniversário do diretor alemão, uma versão restaurada desse cult começou a correr telas do mundo, com exibição de gala até no Festival de Cannes, onde construiu sua fama, quatro décadas atrás. No circuito carioca, uma série de salas de projeção abriram suas telas para uma revisão histórica dessa produção de US\$ 1,5 milhão.

Muitos consideram essa narrativa um marco da estética on the road, de pé na estrada. Ao ser laureado com um prêmio honorário do Júri Ecumênico de Cannes, em 2024, pelo conjunto de uma trajetória pela criação artística iniciada em 1967, Ernst Wilhelm Wim Wenders assumiu: “Nós, cineastas, não podemos mudar o mundo, mas podemos mudar a imagem que fazemos do planeta”. Na ocasião, ele havia acabado a montagem do filme “Alguém Vem À Luz” (“Somebody Comes Into The Light”), realizado em paralelo às filmagens de “Dias Perfeitos” (“Perfect Days”, pelo qual concorreu ao Oscar), com o dançarino Min Tanaka. Entre as mudanças mais radicais que sua obra proporcionou à forma como o audiovisual representa a realidade está a maneira de enquadrar o vazio existencial de um mundo que se despedia das filosofias modernas para entrar na pós-modernidade.

“Eu venho de uma escola de ci-

nema independente, de uma prática lá dos anos 1960 e 70 de parques recursos. É assim que invento”, disse Wenders ao Correio da Manhã, em Cannes, ao explicar os dribles que teve de fazer para filmar “Paris, Texas” nos EUA. “Quando chegamos na Croisette pra disputa pela Palma de Ouro, o filme havia acabado, literalmente, de ser finalizado, pois o material que tínhamos para apresentar foi revelado nas vésperas da exibição”.

Ao longo de sua dedicação à telona, Wenders foi agraciado com indicações aos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood três vezes pelas suas incursões ao terreno da não ficção. Concorreu com “Buena Vista Social Club” (1999), no qual revisita a música cubana. Depois, foi à festa hollywoodiana com “Pina” (2011), sobre a coreógrafa Pina Bausch. Em 2015, chegou ao Brasil, realizando em dupla com Juliano Salgado “O Sal da Terra”, um trabalho fotográfico e antropológico sobre Sebastião Salgado. Há algum tempo que o artesão existencialista por trás de pérolas como “Asas do Desejo” (1987) não fazia uma ficção tão boa quanto “Dias Perfeitos”, rodado no Japão, e hoje disponível na MUBI. A personagem central dele é um zelador que limpa casas de banho públicas, ouve rock em fitas K-7, lê livros e gosta da sua rotina de vida.

“Talvez eu seja analógico”, diz Wenders. “Sou dos tempos dos discos de vinil e ainda ouço rock’n’roll neles. Sou do tempo em que se ouvia o mesmo LP durante semanas”.

A 26ª Berlinale segue até o dia 22 de fevereiro.

CRÍTICA FILME | BLUE MOON – MÚSICA E SOLIDÃO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Franco favorito ao troféu César, o Oscar da França, a ser entregue no próximo dia 26, por “Nouvelle Vague”, o americano Richard

Linklater teve tempo de se reunir a seu habitual camarada Ethan Hawke para um trabalho “pequenininho” (intimista), mas de acertos gigantes. “Blue Moon” foi rodado em 15 dias, em estúdio, em Dublin, na Irlanda, por uma bagatela, e compensou o orçamento que consumiu para sair do papel com uma sucessão de vitórias, a começar pela indicação ao Urso de Ouro de 2025. Andrew Scott foi premiado na Berlinale do ano passado com o Urso de Prata de Melhor Atuação Coadjuvante, por seu desempenho no painel histórico da Broadway.

Recebeu mais 13 láureas e 68 indicações a troféus de peso, com destaque para o Oscar. Concorre nas categorias de Melhor Ator (para Hawke, que vai enfrentar Wagner Moura, indicado por “O Agente Secreto”) e Melhor Roteiro Original (Robert Kaplow). A nomeação em Hollywood deveria lhe abrir salas no Brasil, mas não foi capaz: o streaming foi seu destino. Está na Prime Video.

Revelado ainda moleque em “Viagem ao Mundo dos Sonhos”, quatro décadas atrás, Hawke tem uma atuação convulsiva sob a batuta de Linklater. Lá se vão três décadas desde que filmaram “Antes do Amanhecer” (1995).

Desta vez Linklater e Ethan revisitam a saga do letrista Lorenz Hart (1895-1943), que enfrenta corajosamente o futuro à medida que sua vida (profissional e privada) de-



Ethan Hawke é um dos rivais de Wagner Moura na briga pelo Oscar

Ethan Hawke em modo jazz

sanda em goladas contínuas em destilados de alto teor alcoólico. Tudo se passa no bar Sardi's, durante a festa de abertura do novo espetáculo (o fenômeno “Oklahoma!”) de seu ex-parceiro Richard Rodgers (1902-1979), interpretado por Andrew Scott. Na noite de 31 de março de 1943, narrada no roteiro, Lorenz (Hawke, notável) vai escancarar todos os seus demônios.

Em recente entrevista ao Correio da Manhã, Hawke explicou que “o álcool, no caso de Lorenz, é apenas o sintoma de um problema profundo ligado ao senso de não pertencimento e a bebida só faz

ampliar a sua solidão”. Linklater costuma falar dela com frequência. E o faz por meio do verbo, em narrativas palavrosas. Contam-se nos dedos as vozes autorais da realização capazes de pavimentar integralmente a sua narrativa na palavra, a extrair delas um grau (transcendente) de cinemática, como Linklater consegue. No documentário, ressaltava-se Eduardo Coutinho (1933-2014) por essa façanha (a expandir os limites do plano talking head) e, hoje, na ficção, encontra-se essa destreza na obra de comida e bebida perfumados a cigarros do sul-coreano Hong Sangsoo (de “A Mulher Que

Fugiu”).

Dinamo do modo de produção indie nos EUA, Linklater deu lá suas escapadelas mais cinemáticas, ou seja, fez filmes nos quais o movimento é mais abundante do que o falatório, vide “Escola do Rock” (2004) ou o recente (e delicioso) “Hit Man” (aqui chamado “Assassino Por Acaso”, de 2023). No entanto, retorna ao esquema dos filmes concentrados em parlatórios (sempre num viés de tom confessional e existencialista) com recorrência. Construiu nessa vereda uma espécie de carta de intenções de uma estética investigativa dos desacertos e

desatinos do querer e do viver, que se estendeu à animação com “Walking Life” (2001), um poema em forma de rotoscopia. A forma como explora as fraturas expostas pela fala alcança um novo estágio (e um amadurecimento notável) em “Blue Moon”. Leva Hawke aos píncaros da excelência consigo.

Passados 17 anos de “Eu e Orson Welles” (2009), o diretor retorna ao universo do teatro, num namorico com as figuras exponenciais dessa expressão artística milenar, no intuito de entender a ciranda de vaidades e de decepções que circunda o glamour da Broadway. Assume, para isso, a data de estreia do espetáculo “Oklahoma!”, e parte das franjas desse abrir de cortinas para explorar as inquietações de Lorenz Hart. São dele baladas memoráveis como “The Lady Is a Tramp”; “Manhattan”; “My Funny Valentine” e “Bewitched, Bothered and Bewildered”.

Apesar de retratá-lo na sua fase crepuscular, Linklater jamais se afoga na amargura, embora ela esteja lá, no ciúme e no inconformismo que Lorenz (chamado por amigos e amantes de Larry) sente do projeto teatral da dupla Rodgers e Hammerstein, que reestrutura o entretenimento americano. Parece não haver lugar para ele no que se funda na primeira metade da década de 1940, numa indústria embalada pelas suas canções de amor. Por isso, ele bebe. A certa medida, ao fitar um drink, diz: “Como pode tanto prazer caber em algo tão pequeno”. A mesma dinâmica se aplicaria por nós, cinéfilos, a uma joiazinha como “Blue Moon”, que merece uma chance em tela grande.

CRÍTICA FILME | VALOR SENTIMENTAL

POR LUIZ CARLOS LACERDA* - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Profunda investigação da alma humana

O filme norueguês de Joachim Trier, “Valor Sentimental”, é uma espécie de “Noite Americana”, o filme de François Truffaut que desenvolve tramas introspectivas no set de filmagem, com suas inter-relações, affaires, e conflitos - mas com a densidade típica dessa parte gelada do mundo, onde o aprofundamento dessas questões parece inevitável.

Com a diferença que neste o roteiro e/ou a edição - certamente

comandados pelo diretor - constrói tempos distintos em paralelos do real, do ficcional, e da memória - sempre intercalando o processo da construção de um filme com a reconstrução do universo familiar dilacerado por ausências e tragédias anunciadas.

Como no poema de Murilo Mendes (“Não sei onde a mãe termina / e onde a filha começa”). Os limites entre o memorial, a chama-



Assim como em Bergman, o aprofundamento de questões inter-relacionais é necessário em ‘Sentimental Value’, de Joachim Trier

da vida real e o filme em produção se mesclam, de formas alternadas, numa delicada e tênue aliteração de

desnecessária identificação com o auxílio de um elenco magistralmente conduzido pela direção.

Um relevante aspecto tratado é a questão do etarismo no mundo das Artes, especialmente no cinematográfico. O assassinato cultural - denunciado por Glauber Rocha

e pelo psicanalista Eduardo Mascarenhas, atualmente no seu ápice nesse universo do Poder neoliberal, com práticas preconceituosas inclusive na política oficial brasileira, hoje com um perfil distinto daquele apontado nos anos 1970, é delicadamente tratado - em emocionante sequência da visita ao velho cineasta que o protagonista pretende indicar pra direção do seu roteiro, mas cuja ficha cai ao constatar a fragilidade física que, segundo constata, é elemento inaceitável para as netflix da vida apostarem na capacidade criativa e intelectual do diretor.

Desde Bergman - outro gênio que também veio do frio - não assistíamos um espetáculo de profunda investigação da alma humana.

*Cineasta e poeta



Carioca da Gema

Bloco sem perrengue? TEMOS!

Espaço estreia projeto Fundição dos Blocos com Carioca da Gema e Bagaço da Laranja em novo formato de programação



Bagaço da Laranja

AFFONSO NUNES

A Fundição Progresso dá início neste Carnaval o projeto Fundição dos Blocos, reformulando sua tradicional participação na folia de rua. Com palco montado na rua lateral aos Arcos da Lapa e áreas especiais no terraço e na varanda do espaço, a casa oferece uma alternativa para foliões que buscam combinar a experiência do bloco de rua com uma estrutura diferenciada (e mais confortável) sem o tradicional perrengue de estar pulando no bloco.

No sábado de Carnaval (14), o Bloco Carioca da Gema volta a ocupar os Arcos da Lapa, ao lado da Fundição Progresso, dando continuidade a uma tradição de anos que ajuda a contar a história do carnaval de rua carioca. Nascido do movimento cultural do icônico bar Carioca da Gema, que há mais de 25 anos é referência viva do samba, o bloco se tornou parte fundamental da retomada da Lapa como um dos maiores polos de música brasileira.

Na segunda-feira (16) é a vez do Samba Independente dos Bons

Costumes fazer a roda na rua e depois desfilar com seu bloco Bagaço da Laranja. O grupo, que toda quinta-feira faz a festa na Fundição, criou o bloco em 2020 com a intenção de promover um resgate do repertório de músicas regionais e de clássicos do samba, além de músicas mais atuais de diversos gêneros.

Para quem quer viver essa experiência com mais conforto, a Fundição Progresso abre um espaço em sua casa com vista especial para o desfile, DJ e aquecimento da bateria, cadeiras de praia, praça de alimentação, bares exclusivos, banheiros e acesso aos chuveiros da casa, além de estrutura completa e segurança, garantindo mais tranquilidade para curtir o carnaval no coração da Lapa.

SERVIÇO

FUNDIÇÃO DOS BLOCOS

14/2: Bloco do Carioca da Gema, a partir das 14h

16/2: Bloco Bagaço da Laranja, a partir das 12h

Fundição Progresso (Rua dos Arcos, 24 – Lapa)

Ingressos: a partir de R\$ 20 (meia entrada solidária no primeiro lote)

Beatles em ritmos brasileiros

Bloco que leva o quarteto britânico ao carnaval abre espaço para celebrar Cássia Eller

Quem os viu em 2011 numa acanhada esquina de Botafogo não imaginaria o gigantismo formado em torno do Bloco do Sargento Pimenta. Um dos grupos mais aguardados do carnaval carioca, ocupar o Aterro do Flamengo nesta segunda (16) com sua bem sucedida fórmula de adaptar clássicos dos Beatles para versões em maracatu, ijexá, coco, funk, xote, baião, ciranda e marchinha. Este ano, além das icônicas releituras dos Fab Four, o bloco faz uma homenagem especial à vida e obra de Cássia Eller, que nos deixou há 25 anos.

Fundado por um grupo de amigos apaixonados pelo quarteto de Liverpool e pelo carnaval, o Sargento Pimenta nasceu da ideia de inserir a música dos Beatles na sonoridade de uma bateria de escola de samba. O primeiro desfile reuniu cinco mil pessoas nos arredores da Cobal. Em poucos anos, passou a arrastar multidões, chegando a 500 mil foliões no Aterro do Flamengo em 2017. Desde então, consolidou-se como um dos maiores e mais emblemáticos blocos do Rio, sendo premiado diversas vezes pelo voto popular



Bloco do Sargento Pimenta

e reconhecido por seu espetáculo musical e visual.

O repertório mantém arranjos que preservam a essência melódica das canções dos Beatles com arranjos genuinamente brasileiros. A formação mistura banda com guitarras, baixo, vozes, teclados, acordeon e metais a uma bateria com cerca de 100 ritmistas formados em oficinas promovidas ao longo do ano.

A homenagem à inesquecível Cássia Eller soma-se aos tributos Rita Lee e Elis Regina em carnavais recentes. A inusitada e contagiante mistura sonora do bloco

pode ser conferida nas plataformas digitais. Além de seus feitos na folia carioca, o grupo orgulha-se de ter se apresentando no Cavern Club, em Liverpool, o bar onde os Beatles iniciaram sua notável carreira que marcou a cultura do século 20. (A. N.)

SERVIÇO

BLOCO DO SARGENTO PIMENTA

Aterro do Flamengo (entre o Monumento aos Pracinhas e a Praça Paris) | 15/2, a partir das 8h (concentração) | Grátis

CORREIO CULTURAL



Tânia Maria é um dos destaques do elenco de 'O Agente Secreto'

Tânia Maria premiada como atriz coadjuvante

Tânia Maria venceu um prêmio internacional por sua atuação no filme "O Agente Secreto". A carismática atriz de 79 anos conquistou o International Cinephile Society Awards na categoria de melhor atriz coadjuvante. O filme também foi premiado em outras cinco categorias: melhor filme, melhor direção (Kléber Mendonça Filho), melhor ator (Wagner Moura), melhor elenco e melhor roteiro original.

A International Cinephile Society é formada por mais de 170 membros. O grupo, formado em 2003, conta com jornalistas, acadêmicos, historiadores e profissionais da área do cinema. Todos os anos, a sociedade vota para homenagear o melhor do cinema internacional. Wagner Moura também levou dois prêmios internacionais na última semana.

Três lendas do samba juntas

Alcione, Jorge Aragão e Zeca Pagodinho anunciaram a turnê "O Maior Encontro do Samba", que percorrerá grandes capitais reunindo o vasto e clássico repertório dos artistas. Os três dividirão o palco a partir de junho. O projeto tem estreia marcada para 6 de junho de 2026, no Maracanã, no Rio, e seguirá depois para seis outras cidades do país - São Paulo, Brasília, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Salvador. Em algumas datas, os shows contarão com participações especiais de Martinho da Vila, Seu Jorge, Péricles e Alexandre Pires.

No camarote

O Camarote Alma Rio será palco de um encontro inédito. Pela primeira vez, o espírito do evento de contracultura Burning Man chega ao Brasil e se junta ao samba de raiz do grupo Fundo de Quintal. A apresentação será no final do Desfile das Campeãs, no sábado (21).

Casa Brasil

O Carnaval está chegando e a Casa Brasil abre suas portas com entrada gratuita para os foliões amantes da arte. O equipamento cultural apresentado pelo Ministério da Cultura e Petrobras vai manter o espaço em funcionamento de terça a domingo, das 10h às 17h.

Pizza carioca é destaque internacional

Um ano após conquistar uma posição no ranking das melhores pizzas do mundo da revista Time Out, a Officina Local retorna à lista em 2026, desta vez entre as 15 melhores redondas do planeta. É a única pizzeria brasileira que faz parte do ranking. Destaque para a pizza Umbria (foto), sabor inspirado na região italiana conhecida pelas trufas negras.



A voz dos anônimos que fazem o samba pulsar



O livro de José Leonídio dá voz àqueles que fazem do carnaval o maior espetáculo da terra

'Eu sou do Samba' reúne contos sobre mestres-salas, ritmistas e passistas que constroem o carnaval carioca longe dos holofotes

Reconhecido pelo Iphan como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, o samba ganha homenagem literária que mergulha nas histórias de quem constrói, com suor e talento, o espetáculo das escolas de samba. "Eu Sou do Samba", de José Leonídio Pereira, reúne contos e crônicas sobre vozes anônimas — mestres-salas, porta-bandeiras, ritmistas, compositores, passistas, carnavalescos — que mantêm vivo o espírito do carnaval carioca.



Musicalidade e emoção atravessam cada página da obra - publicada pela Autografia, com apresentação do escritor e ensaísta Ivan Proença. Neste testemunho da força dessa manifestação cultural do Rio e do Brasil, o autor constrói um retrato íntimo deste país que canta, dança e resiste. Para Proença, a obra é como uma viagem pela essência do samba. "As narrativas revelam que, por mais que se transfigure o carnaval em nome do progresso, sempre haverá o improviso criativo, o compositor fiel ao seu ofício, a velha guarda benditamente ranzinza e o sambista do pé", destaca.

Segundo ele, Leonídio contempla tanto a visão moderna do esplendor carnavalesco quanto as cenas e personagens épicos e líricos que habitam os bastidores das escolas. "Muito se aprende aqui sobre as estruturas e o cotidiano de uma escola de samba. Há didatismo, há africanismos, há fraternidade. Porque se discutirmos identidade cultural brasileira, inevitavelmente estaremos falando de samba. Afinal, nós somos o samba", reforça.

O livro é dedicado à memória de Luís Fernando Vieira, pesquisador e escritor que colocou sua vida à disposição da cultura popular brasileira. Leonídio homenageia o amigo com gratidão e afeto.

Entre lembranças e afetos, José Leonídio traz também passagens simbólicas, como o encontro no Jongo da Serrinha, herança viva do Quilombo de São José, onde o samba e a ancestralidade se unem em celebração. Os personagens representam suas origens em bairros cariocas do subúrbio: Madureira, Serrinha, Cavalcanti, Padre Miguel, Tijuca e Mangueira. O autor se coloca como um desses anônimos, alguém que vive o samba de dentro, com o coração marcado no compasso do surdo. "O coração é meu surdo — Tum-Tá, o som da minha vida. Mas a primeira marcação que ouvi foi o coração da minha mãe vibrando no ritmo do surdo... Sou o surdo rei da minha escola", emociona-se.

José Leonídio Pereira é escritor com oito livros já lançados, além de contos e crônicas em antologias e publicações diversas, professor e médico. Deu seus primeiros passos nas letras com enredos para a Escola de Samba Em Cima da Hora e colaborou com outras escolas de samba e blocos. Entre suas obras está "Enredando ilusões", coletânea de sinopses de enredos apresentados desde 1984 que deram origem a sambas de enredo, e "Safiras de Candinho", que tem como cenário Cavalcanti, bairro carioca onde nasceu e berço da Em Cima da Hora. Carioca, estuda há mais de 20 anos a diversidade da Guanabara e é amante da música popular brasileira, principalmente samba de raiz, de enredo e pagode.

ENTREVISTA | THAIS ROMI

FONOAUDIÓLOGA E PORTA-BANDEIRA

‘O carioca faz sempre um grande espetáculo. É uma magia inexplicável’

RODRIGO FONSECA especial para o Correio da Manhã

Com 16 anos de experiência como porta-bandeira, bem-vinda em algumas das agremiações de maior prestígio do carnaval carioca, Thais Romi custou a falar a palavra “água” quando neném, apelando para um barulho gutural, traduzível por sua mãe (a merendeira Ana Rosa) e por seu pai (o vendedor Carlos) como “apu”. Repetia seu “apu” com contundência sedenta, trocando-o por uma variação sonora igualmente inventiva, “linhão”, quando desejava se referir ao rei dos animais. “Ó lá o linhão, tio”, dizia, ao visitar o zoológico. A inventividade dos tempos de criança saiu do âmbito verbal e deslocou-se às pulsões do corpo, num estudo espartano que ela fez do samba, até se transformar em estrela carnavalesca.

No entanto, seus serviços prestados à folia do Rei Momo ampliaram-se também para âmbitos clínicos. Formada em Fonoaudiologia, Thais passou a atender puxadores de grande prestígio da Sapucaí. Convida-os a fazer uma série de exercícios em prol de um canto cristalino, para que nada desafine. Thais faz atendimentos em parceria com a também fono Roberta Camacho, pois o Carnaval exige um bocado dela. E não é só aqui na cidade: “Além do Rio já desfilei no carnaval de Uruguaiana, Belo Horizonte, Três Rios, Niterói e Macaé”, lembra Thais. “No Rio, já dancei nas escolas Vizinha Faladeira, Vigário Geral, Paraíso do Tuiuti, Porto da Pedra, Acadêmicos do Cubango, Alegria da Zona Sul, Tradição, Estácio de Sá e São Clemente, em que desfilou na semana este ano”.

Ocupada ainda com a criação da sua serelepe filhinha, Helena, de 3 anos, Thais conta ao Correio da Manhã como protege os gogós dos rouxinóis da Sapucaí.

Como funciona o seu trabalho fonoaudiológico com os puxadores de samba? Vai de quando a quando? Quantos você atende hoje?

Thais Romi - O trabalho da fonoaudiologia com os intérpretes das escolas de samba tem como objetivo prevenção e aprimoramento técnico vocal para garantir uma alta performance durante as apresentações, com qualidade. O acompanhamento é feito durante todo o ano e se intensifica quando se aproxima o carnaval. Costumo realizar os exercícios semanalmente e acompanhar nos ensaios de rua. Hoje acompanho os intérpretes das escolas Estácio, São Clemente, Vizinha Faladeira e Mocidade Unida do Santa Marta.

Com que cantores você trabalhou?

Tinganá, Charles Silva, Serginho do Porto, Tem-Tem Jr. Tiniguinha. De alguns fiz o carro de som todo.

Qual é a alegria de ver cantores de quem você cuidou brilhando na avenida?

É muito prazeroso notar que o saber no qual me especializei

está contribuindo para um espetáculo tão importante para a nossa cultura. Fico toda “boba” quando as cosias saem como o planejado e eles conseguem executar o trabalho com qualidade, sem machucar a garganta. Tenho a consciência de que eles são atletas da voz e precisam e preparar o ano todo para o trabalho não ser tão cansativo na reta final.

Em seu trabalho como porta-bandeira, em que escolas você vai se apresentar?

Como porta-bandeira, este ano estou defendendo dois pavilhões: Unidos do Sacramento de Niterói e São Clemente. Como fonoaudióloga, vou estar na avenida também, a desfilando na Estácio de Sá neste sábado; na Mocidade Unida do Santa Marta e na Vizinha Faladeira, no domingo, só que na Intendente Magalhães.

O que o carnaval te ensina de mais inspirador sobre o Rio de Janeiro?

Que apesar das adversidades e do pouco investimento, especialmente do carnaval de acesso, o carioca faz sempre um grande espetáculo. É uma magia inexplicável. Todos sempre com uma fé inabalável e a certeza que a sua escola



Thais desfila como porta-bandeira desde 2009 e tem um trabalho paralelo como fonoaudióloga

“É muito prazeroso notar que o saber no qual me especializei está contribuindo para um espetáculo tão importante para a nossa cultura”

fará um carnaval com dignidade.

De que maneira a sua filha, Helena, hoje com quase quatro anos, reage à magia do Carnaval?

Para ela, eu sou uma princesa. Ela sempre vai aos ensaios e dança, canta e vive o carnaval. Ela ama!

Onde você estudou dança e como se preparou para o carnaval?

A dança de mestre-sala e porta-bandeira, eu aprendi na escola do Mestre Manoel Dionísio, no Sambódromo, e depois segui me aperfeiçoando com o coreógrafo João Paulo Machado, no Clube Democráticos, na Lapa.

Você cresceu próxima de um folião de carteirinha do Morro do Adeus, Sebastião Vieira de Moraes, o Tio Tatão, que serenou

em 2020. De que maneira figuras como ele te inspiraram?

Não posso esquecer de exaltar o apoio da minha família para que eu dê conta de tudo. Não é fácil ter várias funções e tentar falhar o menos possível. Uma lembrança especial fica para o saudoso Tio Tatão, que sempre me apoiou e sempre me fez acreditar que eu poderia chegar longe e realizar meus sonhos.

Nil Caniné/Divulgação



Lucinha Lins dá vida a Fafá de Belém em uma das fases de vida da cantora

Fafá de Belém revela um país chamado Amazônia

Musical se vale dos mitos amazônicos para contar trajetória da cantora que quebrou padrões e se tornou voz de um Brasil que o Brasil não conhecia

Ela conquistou um país inteiro nos anos 1970 com seu carisma, um timbre gostoso e uma gargalhada inconfundível. Maria de Fátima Palha de Figueiredo, ou simplesmente Fafá de Belém, faz merecer o musical em cartaz No Teatro Riachuelo, idealizado e dirigido por Jô Santana, um craque dos musicais. A artista quebrou padrões de comportamento ao trazer com sua música toda a riquíssima cultura da região Norte do país.

Desenvolvida por Gustavo Gasparani e Eduardo Rieche, a dramaturgia é contada em três planos temporais que, no início da peça, se estabelecem de forma independente e, a partir de determinado momento, se atravessam e se completam. O primeiro plano se passa no presente, durante a gravação de um documentário em homenagem aos 50 anos de carreira da artista.

A partir de suas lembranças, sur-

gem os demais planos: o segundo representa a memória da infância em uma Belém lírica, entre mitos e lendas dos povos da floresta — indígenas, ribeirinhos, marajoaras —, enquanto o terceiro mostra a construção da carreira da cantora, de Belém para o mundo. Três atrizes interpretarão Fafá nas fases da infância, juventude e maturidade, compondo a trajetória de Fafá-menina, Fafá-cantora e Fafá de Belém, interpretada por Lucinha Lins. Ecologia, meio ambiente e MPB são ingredientes que compõem o espetáculo.

Foi através da televisão, com apenas 18 anos, que aquela menina da floresta entrou nas casas de todo o país com seu sorriso aberto, suas curvas, seu jeito espontâneo e livre de viver. A canção era “Filho da Bahia”, de Walter Queiroz, que fazia parte da trilha sonora da novela “Gabriela”, da TV Globo. Segundo o jornalista Arthur da Távola, foi através da voz da jovem Fafá, pela



Fafá de Belém (ao centro) com o elenco do musical

tela da TV, que ele pôde descobrir o Brasil profundo, amazônico, tão pouco conhecido, até então, pelos brasileiros das grandes capitais. A partir de então, a cantora coleciona hits em diversas trilhas de novelas, somando mais de 70 canções.

A partir de 1979, Fafá se tornou porta-voz na luta pelos direitos da mulher, cantando músicas com viés mais feminista, como “Bilhete”, “Sob medida” e “Que me venha esse homem”. Foi a musa da campanha Diretas Já, viajando país a fora e rei-

vindicando o direito de os brasileiros votarem para presidente. A canção “Menestrel das Alagoas” virou o hino do movimento e, de fato, Fafá se aproximou mais do povo. Como consequência, passou a gravar um repertório mais popular, com sucessos como “Abandonada” e “Nuvem de lágrimas”, o que resultou em um aumento significativo na vendagem de seus discos.

Falar de Fafá é também falar do Círio de Nazaré, maior evento religioso do mundo, misturando a fé

católica à fé cabocla, religião com indigenismo. É cantar para os três papas que visitaram o Brasil e também cantar mambos, cúmbias, calipsos e carimbós, ritmos que formaram sua identidade musical paraense. Seguindo o fluxo dos rios, a voz que veio da floresta desaguou em Portugal, onde reina absoluta entre fados e pimbas, tornando-se cidadã portuguesa.

Com seu temperamento rasgado e apaixonado, Fafá seduziu a comunidade LGBTQIA+, criando canais de diálogo com as novas gerações chegando a estourar mundialmente com o remix da canção “Emorió” (Gilberto Gil e João Donato), feito pela jovem dupla francesa Trinix. A faixa virou hit nas baladas brasileiras e também nas pistas da Europa.

Fafá rodou o mundo sem jamais se desconectar das raízes amazônicas. A mestiçagem e a miscigenação de povos, etnias e elementos culturais e religiosos são parte importante de sua obra musical e de sua visão de mundo.

SERVIÇO

FAFÁ DE BELÉM, O MUSICAL

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, xx - Cinelândia) 0
Até 8/3, quintas e sextas-feiras (20h) | sábados e domingos (17h) | Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 200